

## PRÓLOGO

Pousou ansiosamente no colo uma mão-cheia de comprimidos, enquanto os seus olhos inexpressivos se fixavam algures na imensidão do mar ameaçado por uma tempestade que se aproximava. Estava sentada frente à janela panorâmica da sala com o oceano inteiro como espectáculo, mas demasiado perturbada para se inteirar do tecto de nuvens cinzentas que traziam as primeiras chuvas do ano. Segurava na mão transpirada os comprimidos, como se fosse uma pistola, ciente da inevitabilidade do passo que estava prestes a dar.

Um lume acolhedor ardia na lareira. A sala espaçosa era um modelo de bom gosto, com os seus cinquenta metros quadrados cobertos por tapetes persas, a mobília clássica e muitos quadros a óleo, marinhas na sua maioria.

Estava tudo em ordem. Em cima da mesa de jogo de pau-santo ficava uma última carta, escrita pelo seu punho, devidamente fechada num envelope. Tomou os comprimidos que tinha na mão suada e trémula, um a um, sem se apressar. Limpou com a manga do casaco de malha um círculo de água deixado pelo copo para que não manchasse a mesa. Levantou-se, acertou a cadeira pombalina com a mesa e foi deitar-se no sofá de quatro lugares mais perto da lareira. Tirou os sapatos e cruzou as pernas, esticadas do modo mais confortável possível.

Adormeceu, caindo depois num coma profundo, a que se seguiu uma paragem cardíaca provocada pelo relaxamento dos músculos arteriais, levando-a a uma morte sem dor.



# 1

Teresa Dória esmagou furiosamente no cinzeiro o cigarro quase intacto, desligou o computador e levantou-se, exasperada por não conseguir escrever uma linha, tal era o estado de nervos que a impedia de se concentrar no trabalho.

Enfiou o maço de tabaco na carteira, pegou nas chaves e bateu com a porta de casa. Carregou no botão do elevador, mudou de ideias e voltou a entrar em casa. Foi à casa de banho e lavou os dentes num instantinho. Detestava andar por aí com o hálito do tabaco, incomodava-a pensar que as pessoas pudessem apontar-lhe qualquer defeito, quanto mais uma pequena falha perfeitamente corrigível. Borrifou-se com um pouco de perfume *Nina Ricci*, apanhou o telemóvel esquecido na secretária do escritório e voltou a sair.

Era a segunda vez que isto acontecia, e a primeira havia sido extremamente traumática.

Demorou uns segundos a recordar-se de onde tinha estacionado o seu *Mercedes*, Classe A, na noite anterior, mas logo deu com ele arrumado de qualquer maneira ali perto de casa. Teresa não ligava particularmente a carros e não era, em definitivo, muito cuidadosa com o dela. Como a maioria das mulheres, supunha.

Sentou-se ao volante, enfiou a chave na ignição mas não pôs o carro a trabalhar. Primeiro ligou o rádio. Esperou um ou dois minutos que a música terminasse. «Analyse», dos The Cranberries, reconheceu. Adorava aquela música. Pouco depois ouviu a voz de

Guilherme a apresentar a música seguinte. «Filho-da-mãe», ros-nou entredentes, furiosa.

Saiu do carro, bateu com a porta e voltou para casa.

Guilherme Viana acabou a sua hora de rádio anunciando alegremente o animador de serviço que o vinha substituir. Enfiou os CDs todos numa caixa de cartão e deixou o estúdio.

— Vamos embora, que a mãe já deve estar furiosa — disse, em tom brincalhão, à pequena Sofia, que o esperava do lado de fora do estúdio na companhia do técnico de som.

Trinta minutos depois estava a tocar à campinha do apartamento de Teresa.

Quando abriu a porta do elevador e deparou com uma cara de poucos amigos, Guilherme percebeu logo que Teresa não o ia poupar.

— Estive na rádio do pai, mãe — anunciou logo Sofia, toda satisfeita. — Foi *muita* giro!

— Foi, querida? — respondeu Teresa, disfarçando a sua irritação para que a filha não percebesse.

— Foi — disse — e assisti ao programa todo.

— Olá — cumprimentou-a Guilherme, com um sorriso comprometido.

— Leve a sua mochila para o quarto, Sofia — ordenou Teresa, ignorando ostensivamente o ex-marido.

— Adeus, pai. — Sofia atirou um aceno de longe e virou costas em direcção ao quarto.

— Eh, eh, eh! — reclamou ele. *Para ganhar tempo*, pensou Teresa. — Então e não tenho direito a um abraquinho, nem nada?

A miúda largou a mochila no chão, voltou atrás com uns pas-sinhos engraçados e atirou-se ao pai. Ele recebeu-a com ternura, demorando-se num abraço caloroso.

— Depois o pai telefona, filha — prometeu, colocando-a no chão. — Agora vá lá arrumar as suas coisas.

— Devias entregá-la às nove em ponto — disparou Teresa, assim que a criança desapareceu. — São quase onze da noite!

— Eu sei, Teresa. Desculpa. É que...

— Se não és capaz de respeitar os teus compromissos, respeita pelo menos as decisões do tribunal.

— Teresa... — procurou apaziguá-la, enquanto pensava se aquilo de não respeitar os seus compromissos seria uma vaga alusão ao casamento deles. — Teresa...

— A miúda tem escola amanhã de manhã, Guilherme — continuou ela, ríspida, sem o escutar. — Já devia estar a dormir!

— Teresa, ouve, tens razão — concedeu. — É que eu tive de substituir um colega à última da hora e não consegui trazê-la mais cedo.

— Tens sempre uma desculpa para tudo, não tens?

— Não volta a acontecer — disse Guilherme, erguendo as mãos em sinal de paz. — Prometo.

Foi-se embora sem passar da entrada da sua antiga casa. Teresa ainda estava demasiado magoada para o convidar a entrar. Talvez nunca o viesse a fazer e, se o fizesse, decerto que não seria naquele dia.